

OS LIMITES ENTRE A HISTÓRIA PÚBLICA E A HISTÓRIA DIGITAL:

O Tik Tok E Os Horizontes Possíveis

João Pedro Ferreira da Silva¹

Artigo recebido em: 23/ 05/ 2024

Artigo aceito em: 26/ 08/ 2024

RESUMO: O presente trabalho visa problematizar a produção de História para a internet, especialmente na plataforma Tiktok, refletindo sobre qual o papel da História Pública na descentralização das narrativas sobre o passado de espaços acadêmicos e escolares. Visando compreender a complexidade das redes e do processo de plataformização, pelo qual passamos no atual estágio do capitalismo (CESARINO, 2022), propomos a adoção dos Mapas das Mediações Comunicativas da Cultura, elaboradas por Martin Barbero (1997). Esta metodologia passa pela análise da complexidade de interações entre os diversos agentes culturais, a circulação de informações e a construção de significados culturais. Discorrendo sobre essa totalidade de produção desses conteúdos, apontamos algumas demarcações historiográficas e tecnológicas como centrais para a compreensão desse novo formato de divulgação da História, seus limites e consequentemente qual o papel da disciplina para pensar horizontes de superação.

PALAVRAS-CHAVE: História Pública; Temporalidade; Neoliberalismo; Plataformas; Redes Sociais.

THE LIMITS BETWEEN PUBLIC HISTORY AND DIGITAL HISTORY:

TIK TOK AND POSSIBLE HORIZONS

ABSTRACT: This work aims to problematize the production of History for the internet, especially on the Tiktok platform, reflecting on the role of Public History in the decentralization of narratives about the past in academic and school spaces. Aiming to understand the complexity of the networks and the platformization process we are undergoing in the current stage of capitalism (CESARINO, 2022), we propose to adopt

the Maps of Communicative Mediations of Culture, developed by Martin Barbero (1997). This methodology proceeds through the analysis of the complexity of interactions among

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História na mesma instituição. É membro do grupo de pesquisa “Por uma História do Crível”, coordenado pelo Prof. Dr. Kleiton de Sousa Moraes (UFC); Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9118617619473975>; Bolsista CAPES; E-mail: joaoferreira.ufc@gmail.com.

various cultural agents, the circulation of information, and the construction of cultural meanings. Discussing this totality of production of these contents, we point out some historiographical and technological demarcations as central to understanding this new format for disseminating History, its limits and consequently the role of the discipline in thinking about horizons of overcoming.

KEYWORDS: Public History; Temporality; Neoliberalism; Platforms; Social media.

1. Introdução

Para o bem ou para o mal, é possível afirmar que os desenvolvimentos tecnológicos do mundo pós-guerras sempre estiveram perturbando e povoando o imaginário social. A rede mundial de computadores significava, no início do século, a possibilidade de pôr o mundo todo em diálogo, encurtando distâncias e ruídos na comunicação, aproximando pessoas com interesses em comum e colocando-as em contato umas com as outras (Kirkpatrick, 2011). O mundo do trabalho e o labor doméstico seriam ainda mais dinamizados garantido mais tempo livre, de modo que pudéssemos destinar atenção à família, ao ócio ou lazer coletivo e divertimento individual.

Ainda nos anos 2000, a febre das redes sociais chegava ao Vale do Silício², trazendo a expectativa de ser um empreendimento de grande retorno lucrativo. As expectativas eram bastante altas, não só com o lucro, mas com o desejo de dar aos usuários espaços nos quais poderiam se sentir à vontade para expressar suas ideias e opiniões. Com o desenvolvimento dos smartphones, os usos das redes sociais e seus aplicativos tomariam uma proporção ainda maior, uma realidade a ser cada vez mais explorada (Kirkpatrick, 2011). Um reflexo desse movimento, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD, em 2022, 161,6 milhões de brasileiros com 10 anos ou mais utilizaram a Internet, 98,9% por aparelhos móveis (Belandi, 2023).

² O Vale do Silício, situado ao sul de São Francisco, na Califórnia, Estados Unidos, é o lar de inúmeras startups e gigantes globais da tecnologia. Empresas renomadas como Apple, Meta e Google estão entre as mais proeminentes. Além disso, a região abriga instituições voltadas para a tecnologia, muitas das quais estão localizadas próximas à Universidade Stanford, em Palo Alto. Foi financiado, principalmente, por investimentos do Estado estadunidense desde a Segunda Guerra Mundial (AVELINO, 2021).

Apesar dos inúmeros benefícios e facilidades possibilitados pela tecnologia, seus usos são perpassados por contradições. Em um curto período de tempo grandes corporações de tecnologia, como a Google, Amazon, Meta, Apple e Microsoft (GAFAM) se utilizam do seu oligopólio para lucrar das mais diversas maneiras, desde a venda de audiência (Boloño; Vieira, 2014; Dantas; Raulino, 2020), anúncios das mais diversas mercadorias e mão de obra precarizada como no caso da Amazon e Apple (Schmidt, 2021). Com isso, o conceito de Capitalismo de Plataforma surgiu como uma maneira de apreender o funcionamento do capital nos dias atuais. De acordo com Grohmann (2021, p. 13) esse modelo é a “[...] materialização e consequência de um processo histórico que mistura capitalismo rentista, ideologia do Vale do Silício, extração contínua de dados e gestão neoliberal”. Logo, mesmo tendo uma existência “própria” no mundo digital, as plataformas estão em direta correlação e dependência com a realidade material, dimensões culturais e produtivas.

Esse processo de transformação foi sendo possível mediante a evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) ao longo do tempo, alicerces fundamentais para a sustentação da cibercultura³. De acordo com Lévy (1999, 17), a cultura comunicativa na qual estamos inseridos pode ser definida como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga [...]”. Em meio a tudo isso, rapidamente as tecnologias demonstraram ter seus méritos com relação ao ensino. Graças a internet, a pesquisa e produção científica se tornaram dinamizados, juntamente com a divulgação dos mais variados conteúdos sobre história.

Nesse sentido, a História Pública surge com a proposta de descentralizar dos espaços acadêmicos e escolares as narrativas históricas (Carvalho, 2016). Entretanto, analisar esses conteúdos significa reconhecer que, ao ser produzida, esses materiais vão conservar elementos de um tempo e lugar socialmente determinado (Certeau, 2010).

³ “As tecnologias digitais surgiram, então, como uma infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e transação, mas também um novo mercado da informação e do conhecimento” (LÉVY, 1999, p. 32).

Apesar de democratizar certos debates como questões referentes a raça e gênero, um potencial inegável de plataformas como o Facebook e Tik Tok, é importante olharmos não só para o aspecto quantitativo - quantas pessoas são alcançadas -, mas qualitativo desses conteúdos.

É certo que o historiador ampliou de forma considerável suas formas de escrever e contar o passado. De acordo com Gaddis (2003), o ofício do historiador pode ser entendido, de certa forma, como uma máquina do tempo, pois uma vez que temos o “privilégio” do distanciamento, passamos a construir constantemente sentidos para o passado. Seleccionamos recortes espaço-temporais, interpretamos documentações — lhe atribuindo significações —, deciframos diferenças e conceitos no tempo de modo a provocar o presente, tudo isso em busca de construir uma “paisagem” sobre o passado.

Quando pensamos o passado como uma paisagem, a história é o modo pelo qual a representamos, e é este ato de representação que nos diferencia do familiar, deixando-nos vivenciar através de outrem o que não podemos experimentar diretamente: uma visão mais ampla (GADDIS, 2003, p. 19).

Mesmo tendo o tempo como objeto de análise, em especial o passado, isso não significa dizer que o historiador tem o monopólio sobre esse recorte temporal. Dessa forma, tornou-se fulcral ampliar a atuação do historiador para além dos muros escolares e universitários. A internet, juntamente com as redes sociais, por todos os elementos apontados acima, se mostraram essenciais nessa disputa por ocupação de espaços e assim compartilhar informações sobre o passado. Com isso, é necessário reconhecer que a produção de vídeos sobre História para o Tik Tok, nosso foco de análise, é perpassada por várias complexidades que devem ser analisadas a partir da própria estrutura e funcionamento dessas redes (Casarino, 2022).

Visando compreender a complexidade de plataformização pelo qual passamos no atual estágio do capitalismo, propomos assumir a metodologia dos Mapas das Mediações Comunicativas da Cultura, elaboradas por Martin Barbero (1997), afinal não podemos esquecer que a produção de conteúdo de História para as redes é, antes de tudo, uma prática comunicativa. De acordo com o autor, a comunicação não pode ser entendida de

forma isolada, mas em relação com toda a totalidade social, perpassando as questões políticas, econômicas e culturais de um tempo.

Nos cabe então fazer uma leitura a contrapelo, como proposto por Benjamin (1996), sobre os impactos da internet nas produções de passados, para além do simples olhar sobre a tecnologia e a aparente democratização da disciplina. Assim, a problematização do presente trabalho visa de assimilar as contradições e características presentes nessa forma de produção da história, quais são seus limites e, conseqüentemente, apontar propostas de superação de entraves éticos existentes, salientando o potencial imaginativo da História, acentuado por Galindo Cáceres (1997).

2. A história pública na internet

O Tik Tok é uma plataforma que funciona a partir da divulgação e compartilhamento de vídeos curtos. Seu sucesso repentino se deu em função do seu poderoso algoritmo que muito rapidamente compreende e entende o que os usuários gostam de consumir direcionando indicação de outros conteúdos com a mesma temática, o que conseqüentemente faz com que passemos mais tempo na plataforma. Apesar de não ser uma novidade da era da plataformização, a economia da atenção⁴ ganhou novos contornos em nível de eficiência com as redes sociais e os avanços tecnológicos como, por exemplo, os smartphones (Casarino, 2022). Com isso, muitos historiadores perceberam a possibilidade de ampliação de sua atuação na produção de vídeos para a rede social se aventurando no universo da História Pública.

Produzir História para além dos muros da universidade não é exatamente uma novidade. Existem registros da escrita historiográfica voltada para o grande público e disseminada, muitas vezes com interesses políticos, desde o século XIX (Araújo, 2015), além de amplos debates sobre o que significa atuar “publicamente” com a História, desde o trabalho em museus, consultorias de filmes ou novelas, por exemplo, até a escrita e

⁴ Em conceito significa que a estrutura das plataformas digitais são projetadas para reter a atenção dos usuários, enquanto uma estrutura lucrativa. Quanto mais tempo permanecemos em uma determinada rede, mais renda a plataforma ganha com a venda e exibição de anúncios. Por isso os produtores de conteúdo são importantes, pois são eles que garantem entretenimento para que o usuário permaneça nas redes. (Silva, 2023).

produção historiográfica de atores políticos do passado, como as biografias (Carvalho, 2016). Mas só recentemente se começou a usar o termo “História Pública” para se referir aqueles sujeitos, historiadores ou não, que buscam aproximar o grande público da História, por meio de produção e disseminação de conteúdos sobre o passado em espaços como rádio, revistas, televisão, internet, livros, entre outros.

Ainda de acordo com Carvalho (2016), a internet pode contribuir com a História em pelo menos três caminhos: divulgação científica, colaboração popular e pelo fato das próprias redes serem um fenômeno histórico. Com isso em mente, é possível encontrar diversos produtores de conteúdo histórico na internet, tanto em um viés educativo ou de entretenimento, cujo objetivo é trazer curiosidades sobre o passado. Escolhemos como foco de análise principalmente os vídeos presentes no Tik Tok. A plataforma se tornou bastante conhecida no Brasil em meados de 2018, com o diferencial dos seus algoritmos, como já mencionado, mas também a grande facilidade de edição e filtros presentes no próprio aplicativo (Stockel-Walker, 2022). O Tik Tok se mostrou bastante poderoso em sua capacidade de viralizar “*trends*” - algo como o assunto do momento, ou tendência -, contribuindo com uma certa ilusão⁵ de que qualquer pessoa poderia ter fama dentro rede social, bastando apenas reproduzir “modinhas” que se tornam virais e assim angariar seguidores (Dugnani, 2024).

Retornando aos vídeos ligados à história, as redes sociais abriram diversas possibilidades com relação às formas de se narrar e alcançar o público. Redes sociais como o Tik Tok se revelaram uma oportunidade de ganhar a vida com o “passado”, para além das salas de aulas e pesquisas na academia, espaços cada vez mais sucateados e desvalorizados. Uma vez que será comentado, mais a frente, sobre as condições de produção dos vídeos presentes no Tik Tok, é interessante pontuar, mesmo que sinteticamente, sobre o perfil geral desses *tiktokers*. Existe uma infinidade de criadores de conteúdo históricos na plataforma, Greicy Cristina (“curiosamoda”), Tawany Rocha

⁵ De acordo com Stokel-Walker (2022), apesar da dinâmica de distribuição de conteúdos do Tik Tok ser diferente de outras redes sociais, já que não é necessário que o usuário siga os perfis para ter acesso aos vídeos, mas estes são indicados pelos algoritmos conforme o histórico de consumo, também é um equívoco dizer que a plataforma seria mais democrática já que o algoritmo também considera a qualidade e a interação nos vídeos antes de impulsioná-los para outros usuários.

(“Locurasdahistória”), Odir Fontoura, João Pedro Rangel (“Operação barbarussa”), “HistóriaNoPaint”, Débora Aladim, “Prof Danilo do História e Tu”, “Goledehistória”, para citar alguns. Em sua maioria, os perfis chegam a ter uma média de 100 a 800 mil seguidores - Débora Aladim é a única que destoa desse número com mais de dois milhões de seguidores.

Quanto à formação profissional, não há um padrão. Existem aqueles graduados em instituições privadas, públicas, mestres, doutores e especializados. Há também aqueles que não têm nenhuma formação na área, como Greicy Cristina (“curiosamoda”), que argumenta que seu conteúdo se dá pelo apego afetivo à disciplina. Os motivos que os levaram a produzir vídeos para o Tik Tok também são bastante variados, desde a divulgação científica, compartilhar curiosidades, conteúdos engraçados (memes), redublagens de filmes ou paródias históricas. Esses *creators* não seguem uma temática em específico, e costumam falar dos mais variados assuntos vinculados a disciplina. Apesar de ser uma plataforma de entretenimento, muitos desses *tiktokers* argumentam que seu conteúdo também se categoriza como pedagógico⁶.

Por exemplo, a estudante de História, Tawany Rocha, do perfil Loucuras da História⁷, que conta com mais de 870 mil seguidores, fez um vídeo de pouco mais de um minuto, em que faz perguntas sobre a História do Brasil. Suas perguntas, de carácter bastante factual - De quem a princesa Isabel é filha?, por exemplo - são colocadas ali na tentativa de questionar os seguidores sobre seus conhecimentos do passado. Além dos “quiz surpresa” e de outros conteúdos, que aparece em sua *timeline*, a estudante também conta com “quadros” especiais como “Origens Histórias” e “Cozinhando Histórias”, no qual comenta sobre as origens de receitas brasileiras. Outro perfil bastante popular é o de

⁶ A plataforma até mesmo conta com incentivos à produção de conteúdo educacional dentro da rede social, como premiações anuais para o “professor do ano”. Disponível em: <https://newsroom.tiktok.com/pt-br/tiktok-awards-2023-celebra-sonhos>. Acesso: 24/07/2024

⁷ No caso de Tawany sua primeira formação é em Administração, só adentrando ao curso de licenciatura em História no ano de 2020, na Estácio, um ano antes de começar seus perfis nas redes sociais, de acordo com as informações presentes no seu LinkedIn. Além do perfil focado em História, a produtora de conteúdo oferece um curso, pago, sobre como crescer e fazer sucesso nas redes.

Gracy Cristina, produtora do Curiosamoda⁸ - título escolhido por conta sua fascinação e admiração de Gracy pela História da Moda. Seu foco é principalmente conteúdos voltados para a História Moderna e Contemporânea, especificamente sobre a vida e curiosidades da nobreza europeia e brasileira. Logo, ensino e entretenimento se mesclam e se confundem constantemente na plataforma — o que pode ser uma disfunção temporal, já que diversão e aprendizagem acontecem em tempos diferentes. Uma vez que esses conceitos se confrontam na plataforma, é necessário estabelecer, brevemente, o que entendemos por ensino de história.

O campo da historiografia se modificou bastante, desde o seu desenvolvimento no século XIX até os dias de hoje. Sabe-se que o ofício historiográfico não passa mais por simplesmente narrar fatos, datas e eventos memoráveis, mas perpassa vários outros prismas como os sentidos atribuídos ao tempo, as tensões que existem ao interpretarmos o passado com questionamentos do presente (Cassiere, 2012), entre outros aspectos mencionados durante a introdução. Ainda sim, é curioso observar como “[...] o relato ‘daquilo que aconteceu’ desapareceu na história científica (para, em contrapartida, aparecer na história vulgarizada)” (Certeau, 2010, p. 53). Logo, mesmo com todas essas transformações no aspecto científico, a cultura escolar e midiática ainda reproduz uma forma bastante específica de história.

Ao analisar o conteúdo sobre os bandeirantes do livro didático da Coleção *Piatã*, de 2015, por exemplo - bastante recente considerando as mudanças metodológicas da historiografia nos espaços de produção acadêmica desde o século passado (Gaddis, 2003) -, ainda é possível encontrar uma história voltada ao fato, “como pudemos perceber nessa narrativa, o texto principal apresenta uma perspectiva cronológica e descritiva, a qual abarca os principais eventos e datas referentes à temática bandeirante.” (Gonçalves, Coelho, Coelho, 2022, p. 20). Com relação ao currículo escolar, a organização linear ainda é tida como uma diretriz “natural” do tempo (Ávila, 2016; Bittencourt, 2021).

⁸ Formada em Moda e oferece cursos de Empreendedorismo Digital no YouTube. Atualmente a Tiktoker conta com um perfil paralelo, específico para curiosidades sobre o cristianismo, o Curiosa Bíblia. Gracy Cristina não conta com formação em História.

Posto isso, buscando se distanciar dessas condutas enraizadas sobre a disciplina, o que significa ensinar história? A nosso ver, existem duas formas de responder a esse questionamento. Uma vez que a história não é socializada apenas em sala de aula, é vital que o historiador/professor ensine aos seus alunos a pensar historiograficamente. Ou seja, para além de estudar os conteúdos, é central inseri-los em debates sobre como chegamos a determinadas conclusões, como se produz, como atuamos no tempo, e a incubência da imaginação histórica. Em concordância com Cerri (2011, p 66), podemos afirmar que a centralidade do ensino de história está na “capacidade de entender e posicionar-se diante de visões de mundo, de explicações gerais ou fragmentárias sobre a sociedade, que utilizam conhecimentos sobre o tempo”. O segundo aspecto se relaciona a capacidade dos estudantes se verem como sujeitos de ação. Nesse sentido,

O estudo das sociedades de outros tempos e lugares pode possibilitar a constituição da própria *identidade coletiva* na qual o cidadão comum está inserido, à medida que introduz o conhecimento sobre a dimensão do “outro”, de uma “outra sociedade”, “outros valores e mitos”, de diferentes momentos históricos. Identidade e diferença se complementam para a compreensão do que é ser cidadão e suas reais possibilidades de ação política e de autonomia intelectual no mundo da globalização [...] (BITTENCOURT, 2021, p. 27, grifo nosso).

Uma vez estabelecido o que se concebe aqui por ensino de história, é profícuo definir entretenimento. De acordo com Dugnani (2024), a área passou a ser englobada pela comunicação como estratégia para tornar mais eficiente os meios de comunicação em massa juntamente com a conquista de audiência. Ainda conforme o autor,

O entretenimento, na verdade, cumpre uma dupla função no sentido de reforçar a alienação através dos usos dos meios de comunicação: uma função prática e uma função ideológica. A primeira função prática, é o entretenimento, por sugerir um processo prazeroso de divertimento, acaba por atrair o interesse do público, que busca na comunicação, também, uma forma de distração. [...] A segunda função, é mais perversa, pois no momento do entretenimento, o indivíduo se distraia e está mais sujeito a ser influenciado por todo tipo de informação [...], quando o senso crítico do indivíduo, está diluído pela distração causada por esse momento de relaxamento (DUGNANI, 2024, p. 59).

Dessa maneira, considerando que redes sociais como o Tik Tok são direcionadas para o divertimento e distração por meio do consumo de vídeos, podemos categorizá-lo como um produto de entretenimento. Entretanto, uma vez que essas plataformas têm uma lógica bastante complexa, ainda mais quando os próprios usuários são responsáveis por alimentar a rede e não uma emissora ou estúdio - como filmes e programas de TV -, esses objetivos podem ser subvertidos. É assim que, mesmo vídeos de teor recreativo podem ser utilizados por *tiktokers* historiadores como uma forma de disputar a atenção de jovens, utilizando os “códigos” da redes para, de acordo com eles, ensinar e socializar informações sobre a disciplina.

Mas apesar de toda a perspectiva positiva sobre o papel desses influenciadores com relação à “democratização” da história, é mais do que necessário reforçarmos o olhar para esse espaço de maneira crítica, reconhecendo que as redes sociais também evidenciam limitações cujos impactos podem ser adversos a longo prazo. Afinal, se qualquer pessoa sente-se legitimada a falar do passado na internet, em que bases podemos sustentar a cientificidade do ofício do historiador ou seu caráter ético? Como colocado por Silva (2009, p. 237):

A história se tornou um produto cobiçado, não somente de legitimação, mas mercadoria simbólica vendida em bancas de jornal. Produto que desencadeou a corrida de uma série de novos produtores, ou “fazedores” de História. [...] vender o passado tornou-se uma atividade estimulante, pois o interesse obsessivo por ele levou a uma verdadeira profusão da distribuição de olhas e produtos que incentivaram e alimentam uma sede de história em nosso cotidiano.

Desse modo, é necessário investigar os elementos que compõem a produção da história para as redes sociais. Esses ambientes digitais, assim como qualquer outro espaço social, são perpassados por aspectos de caráter material e discursivo, mas direcionados para uma forma de produção em massa, logo:

O desafio apresentado pela indústria cultural aparece com toda a sua densidade no cruzamento dessas duas linhas de renovação - que inscrevem a questão cultural no interior do político e a comunicação, na cultura. [...] Elas não podem ser políticas à parte, já que o que acontece culturalmente com as massas é fundamental para a democracia [...] (MARTIN BARBERO, 1997 p. 287).

Observando os vídeos que são produzidos para o Tik tok, devemos ter em mente que essas formas narrativas também estão, em sua maioria, fundamentadas em um viés positivista, ou porque não dizer metódica⁹, um aspecto cultural que independe dos espaços virtuais, como mencionado acima, mas que são conservados virtualmente de diferentes maneiras. Como apontado por Galindo Cáceres (1997, p. 32, tradução nossa):

[...] existe uma tendência de configurar versões únicas classificadas como verdadeiras ou próximas da verdade; seria um caos se várias tivessem o mesmo status; Só pode haver uma, a busca é a versão definitiva, mesmo nos intelectuais mais humildes e processuais.¹⁰

Quando assistimos ao vídeo do CuriosaModa sobre a Rainha Elizabeth I¹¹, por exemplo, é muito presente a preocupação em trazer como protagonista figuras históricas “memoráveis” - geralmente europeus -, datas, fatos ou eventos, mas sem as devidas problematizações. Assim, o que é proposto por Galindo Cáceres é uma relativização, mas a crítica de como ainda olhamos o passado a partir de recortes bem específicos e estabelecidos, não dialogando com as pluralidades possíveis. Mesmo que existam conteúdos que fogem da norma eurocêntrica, trazendo abordagens e temáticas de grupos excluídos (mulheres, raça, LGBTQIAP+, indígenas e etc.), ainda se preservam limitações narrativas.

Além disso, existe uma relação entre esses sistemas produtivos, delimitado pelas redes, e as lógicas de uso mediado pelos gêneros “que articulam narrativamente as serialidades, constituem uma mediação fundamental entre às lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos” (Martín Barbero, 1997, p. 299). Com “gênero” queremos nos referir à existência, mesmo que implícita, tanto de uma expectativa do receptor sobre o que vai consumir e uma intencionalidade do autor que nesse caso são os *tiktokers*. Logo, o “gênero” da

⁹ A Escola Metódica, desenvolvida na França, tinha como objetivo garantir a historiografia uma fundamentação científica de orientação positivista. Para essa escola, a história possuía uma verdade objetiva, e o papel do historiador era apenas narrar os fatos de forma estática.

¹⁰ “existe una tendencia a configurar versiones únicas calificadas de verdaderas o próximas a la verdad, sería un caos que varias tuvieran el mismo estatus; sólo puede haber una, la búsqueda es la versión definitiva, aún en los intelectuales más humildes y de mentalidad procesual.” (GALINDO CÁRCERE, 1997, p. 32).

¹¹ Disponível em: [Virgem de taubaté](#). Acesso em: 23/07/2024.

história nas redes, quase sempre, parte de uma concepção da História apenas como fato/passado, tendo se tornado senso comum.

A título de exemplo, olhemos novamente para Gracy Cristina. Em um perfil encontramos o vídeo “Luis Vitor da Áustria: O cunhado gay de Sissi”¹². Aqui, em menos de 3 minutos, somos apresentados ao filho mais novo da arquiduquesa Sofia. A tiktoker fala do seu nascimento, sua família e seus supostos interesses como arte e arquitetura, diferente dos irmãos que se identificavam com guerras e exército. Qual a veracidade dessa narrativa? Não sabemos, afinal quase nunca os criadores de conteúdos trazem suas fontes. O que percebemos é que, apesar de ser um recorte “progressista”, a forma, ou o “gênero”, como dito acima, de se narrar é construído a partir da factualidade, como se afirmação do que aconteceu por meio de datas, acontecimentos e personagens por si mesmo sustentasse o que é dito. Em resumo, o conteúdo pode ser sobre qualquer assunto, mas a forma de se contar não, está já foi estabelecida previamente pela um espécie de “cultura metódica da história”.

Contudo, se esses elementos são anteriores às tecnologias, não significa dizer que as redes e a forma de comunicar na internet não interferem nas maneiras de se produzir narrativas sobre o passado. Além do texto e fala objetivos e diretos, temporalmente delimitados, os vídeos do TikTok expõem uma fórmula estética seriada - geralmente com várias imagens, de uma forma bastante dinâmica aos olhos acostumados a uma caoticidade visual. Assim, o processo de desenvolvimento dos vídeos, como um “produto”, deve considerar esses elementos, caso contrário não será monetizado ou impulsionado por meio dos algoritmos, como veremos mais adiante. Isso, no mínimo, já demonstra algumas especificidades da forma que a história toma para o grande público nessas plataformas. Posto isso, se mostra basilar compreender, mesmo que de forma preliminar, como se dá o funcionamento dessas redes, sua estrutura econômica e política.

3. Neoliberalismo e redes sociais

¹² Disponível em: [Eu queria ser amiga dele](#). Acesso em: 23/07/2024.

Letícia Cesarino (2021, 2022) dedicou uma farta pesquisa em prol de entender os motivos que tornam possível a comunicação da extrema-direita ser tão eficiente nas redes. Entre as suas várias conclusões está o fato de que as redes sociais se estabeleceram fortemente a partir de um imaginário e “estrutura” neoliberal. Apesar de serem vendidas como espaços de liberdade e empoderamento, as plataformas são desenvolvidas para serem experimentadas de modo individualista e, “[...] na escala do aparato técnico, ela é altamente centralizada, pouco transparente e patentemente monopolística, dominada por grandes corporações que cresceram de forma desregulada e com baixíssima *accountability* pública” (Cesarino, 2022, p. 65). Isso provoca uma relação contraditória na forma como nos relacionamos nas redes, afinal

Nesse modelo de internet, os usuários vão perdendo o controle daquilo que aparece para si e de como eles mesmos aparecem para outros. Essas decisões vão sendo delegadas para os algoritmos e os usuários passam a uma posição cada vez mais passiva. O grande paradoxo do capitalismo de vigilância – e, como já notamos, fonte da sua eficácia – é que, do ponto de vista dos usuários, poucos entendem a própria experiência nas plataformas como sendo de passividade. (CESARINO, 2022, p. 71).

Assim, o objetivo último dessas redes sociais é a constância dos lucros que, em resumo, são conquistados pela extração, “refino” e venda dos dados de usuários para empresas, sendo esse seu principal modelo de negócio e executável pela monopolização das *big techs* (Cesarino, 2022; Bolaño; Vieira, 2014; Dantas; Raulino, 2020). Logo, a produção de conteúdo desses historiadores para as plataformas é efetiva e lucrativa para as redes sociais, pois garantem um certo “nicho” de mercado, no caso as pessoas que consomem e gostam do conteúdo sobre história, e assim a coleta dos dados desses usuários¹³. Esses vídeos são monetizados, como uma contrapartida financeira, para esses influenciadores, caso contrário não esses sujeitos não dedicariam seu tempo de trabalho a tal atividade.

Apesar de aparentemente ser um espaço “livre e fácil”, de infinitas possibilidades, Carvalho (2016), que vê de forma positiva o papel das redes sociais na produção de

¹³ Um bom exemplo disso é a existência do CuriosaBilia, perfil também administrado por Gracy Cristina, cujo título já demonstra o desejo da tiktokker em chegar em um outro público ou “bolha”. Aqui temos um vídeo sobre um suposto relacionamento amoroso entre Davi e Jônatas, filho do rei Saul. Interessantemente, se Curiosamoda Gracy fala sobre “personagens LGBT” do passado, aqui o reconhecimento de um possível relacionamento homoafetivo na mitologia cristã parece um certo absurdo.

passados, acaba por reconhecer a sobrecarga de trabalho ao mencionar que “o historiador público em redes sociais acumula as funções para além do seu ofício como o de comunicador e administrador. Nesse sentido, por gestão de refiro à capacidade de gerir conteúdos (moderação), pessoas (mediação) e ameaças (trolls, vírus, etc)” (*Idem*, 2016, p. 46). Isso sem mencionar que não é suficiente a existência ou a manutenção de apenas um perfil, mas vários nas mais diversas redes (Instagram, Tik Tok, X, etc.).

Essa sobrecarga e lógica de produção acelerada das redes acaba se desdobrando na própria qualidade dos vídeos, como já mencionado. Nessas novas sociabilidades, Malerba (2014)¹⁴, já pensava nos impactos dessa materialidade do virtual na produção histórica nas redes sociais. Para ele,

[...] há também um lado sombrio desse fenômeno, que é justamente o da qualidade dessa história [...]. A história social, processual, interpretativa, estrutural, analítica, crítica, não chega ao grande público, e sim a história paroquial, episódica, factual, pitoresca, anedótica, biográfica, das grandes batalhas, em rápidas narrativas dramáticas inflamadas. [...] O problema é que essa história popular é de qualidade questionável (MALERBA, 2014, p. 32).

Além dos desdobramentos, a questão do tempo se torna crucial para entender as contradições vigentes nas plataformas¹⁵. Martín Barbero (1997, p. 296) afirma que “[...] o tempo do ócio encobre e desvela a forma do tempo do trabalho: o fragmento e a série”. Apesar de analisar a realidade da televisão, o autor foi fatídico ao antecipar a mesma lógica nas redes sociais, pensadas para prender a atenção, não apenas mantendo essa estrutura como a intensificando. Como espaços planejados para o entretenimento, esquecemos como essas plataformas reproduzem a lógica “industrial”, que para ser efetivo deve se padronizar (Martín Barbero, 1997). Esse fenômeno pode ser facilmente observado no Tik Tok em que os vídeos de diferentes influenciadores se igualam estética e narrativamente, muitos deles reproduzindo os mesmos conteúdos sobre o passado, reduzindo a história apenas a esse aspecto do tempo e recortes específicos. Um

¹⁴ Malerba (2017) também propõe um certo diálogo dos historiadores com teorias da audiência e comunicação para pensar não apenas o produto final, mas como esses conteúdos são consumidos, algo que falta nas análises de historiadores sobre o tema.

¹⁵ É importante ressaltar que Lévy (1999, p. 27), também já resalta a aceleração como um aspecto da Cibercultura: “[...] a velocidade de transformação é em si mesma uma constante - paradoxal - da cibercultura. Ela explica parcialmente a sensação de impacto, de exterioridade, de estranheza que nos toma sempre que tentamos apreender o movimento contemporâneo das técnicas”.

fenômeno que desvela a concreta falta de liberdade já que, uma vez que o *tiktokker* não mantém a “fórmula” não tem garantia nenhuma de manter seu engajamento¹⁶, sendo penalizado financeiramente ou no seu alcance.

A partir desses elementos se torna possível apontar que mesmo com produções sobre história, das mais factuais, “neutras” ou progressistas, elas estão imbuídas dentro de uma estrutura que não necessariamente é democrática ou inovadora - talvez só em seu discurso. Devemos também assumir que ao reduzir o potencial da História a elementos da informação, sobre o que aconteceu, quando e com quem, por exemplo, e não a reflexão sobre esses eventos - e como chegamos a eles - acabamos por impossibilitar aos usuários das redes o conhecimento da história para além do fato/acontecimento. Dessa forma é necessário repensar a disciplina, seu ensino e divulgação, demonstrando seu papel na maneira de como nos temporalizamos e recuperando seu potencial contrafactual de mobilizar e instigar o imaginário para além do passado, ressignificando experiências já vividas em horizontes de transformação (CÁCERES, 1997).

4. Reconhecendo os limites e buscando alternativas

Existe uma palavra bastante recorrente que define quase todos os perfis sobre História no Tik Tok: curiosidade. Retomando a ideia da plataforma como um espaço para se divertir, muitos historiadores propõem se utilizar da “bisbilhotice” como mola propulsora para chegar aos usuários e seguidores da rede social. Uma vez que essa atenção é fisgada, se pode passar informações relevantes para os usuários. Como citado acima, esse método é verbalizado ou registrado de várias maneiras por esses criadores de conteúdo. Por exemplo, no perfil “@goledehistoria”, o casal de historiadores Júlia e Jerson, produz vídeos dos mais variados temas, desde história do Brasil, Geral, América, além de comentar cultura pop relacionando, quando possível, com história¹⁷. Logo na apresentação há uma pergunta que define, de certo modo, o que pode significar a produção desses vídeos para as redes: “quem disse que aprender é chato?”. É possível

¹⁶ Mais uma vez, Martin Barbero (1997) se mostra bastante atual em suas análises sobre a Indústria Cultural ao apontar a existência de uma “estética da repetição” que se intensificou significativamente na internet.

¹⁷ Em um de seus vídeos, Júlia comenta o filme animado *Anastasia*, de 1997, produzido pela 20th Century Fox. O objetivo aqui é falar sobre a suposta sobrevivente da família Romanov. Disponível em: [você conhece o mito da Anastácia, a princesa que sobreviveu?](#). Acesso em: 22/07/2024.

interpretar esse questionamento como um contraponto ao ensino em sala de aula, visto como chato, ou pouco atrativo.

Ao se levar em consideração as lógicas de consumo de uma geração que está se adultizando por meio de vídeos, textos e imagens que contam com certa imediaticidade (Passero, Engster, Dazzi, 2016), é importante conceber o Tik Tok como uma ferramenta para tornar mais acessível e atrativa o passado. Em algumas situações, o conteúdo consegue sintetizar elementos, por meio do humor ou da descontração, muitas vezes dificultados pela falta de estrutura em sala de aula que, em sua maioria, conta como recursos pincel e quadro branco. Nesse sentido, não cabe ao presente trabalho negar ou positivar por completo os usos e interpretações possíveis dentro da Internet, especificamente sobre os vídeos de História na plataforma do Tik Tok, mas apontar os limites. É importante ressaltar também que não existe uma desqualificação do trabalho desses historiadores, mas uma reflexão sobre esse lugar social que ocupam. Afinal, a forma como esse conteúdo é compreendido e apropriado é por demais complexo¹⁸ (Martin Barbero, 1997).

Não se pode afirmar, por exemplo, que todos os produtores de conteúdo de história para o Tik Tok tem sua atuação sustentada apenas pensando no retorno lucrativo. Muitos deles podem ter o desejo legítimo em querer impactar a realidade positivamente. Como mencionado acima, uma vez que a formação acadêmica desses historiadores das redes é bastante diversificada, incluindo aqueles que não tem formação alguma dentro da área, é esperado que esses sujeitos reproduzam certos estereótipos ou por uma falta de conhecimento acerca da teoria e metodologia historiográfica ou pela razão do público esperar determinados formatos, uma vez que se aprende culturalmente, principalmente por meio da escola, algumas das “bases engessadas” da historiografia (Bittencourt, 2021; Gonçalves, Coelho, Coelho, 2022; Ávila, 2016).

O que se pode afirmar, entretanto, é que por serem fruto de uma plataforma de entretenimento (Fisher, 2023), em última instância, esses conteúdos serão codificados a partir dessas lentes, mesmo que seu objetivo primeiro seja o de ensinar. Com isso queremos dizer que os *creators* estão submetidos a lógica algorítmica, em devem adequar

¹⁸ Se torna cada vez mais comum entre os jovens, por exemplo, os usos do Tiktok, mais do que outros buscadores como o Google, para fazer pesquisas escolares (TÍLIA, 2024).

seus conteúdos ao que pode viralizar ou gerar engajamento. “Portanto, para produzir seu próprio salário [...], ele [criador de conteúdos] deverá atender a requisitos e configurações (algoritmos, regras, diretrizes, métricas etc.) estabelecidas pela plataforma.” (Silva, 2023, p. 79). De uma forma ou de outra, as *big techs* souberam se apropriar e utilizar o potencial comunicativo desses influenciadores para garantir que haja cada vez mais permanência e audiência em suas plataformas, de modo que alguns autores têm trabalhado com o conceito de economia da atenção para conceber as particularidades desse modelo de negócios (Bentes, 2021; Cesarino, 2022).

Esse formato demanda que os usuários das plataformas dediquem seu tempo, um recurso limitado, em suas redes. Criam-se mecanismos para que aquele sujeito que “existe” em várias plataformas passe mais tempo no Tik Tok e não no YouTube, por exemplo. Para o funcionamento desse sistema os algoritmos são imprescindíveis, já que eles vão ser responsáveis por redirecionar o conteúdo que o usuário mais gosta e assim mantê-lo por mais tempo *online*. Nossa atenção, contudo, está intimamente articulada com a disponibilidade de tempo desses usuários, logo esse mercado também é uma experiência de temporalidade.

A longo prazo, os consumidores dessas redes são inseridos em um ritmo de consumo que acaba por se confundir com outros complexos da vida, como a concepção do que é verdadeiro, ou a prática de uso do espaço virtual como sinônimo de luta política. Assim, quem utiliza as redes sociais, principalmente o Instagram e o Tik Tok, cuja dinâmica de tempo acelerada é bem estabelecida (Cesarino, 2022). O efeito coloca os usuários em uma necessidade constante de se atualizar e reagir aos últimos eventos ou acontecimentos. Logo, todos devem reagir, demonstrar interesse ou conhecer o “assunto do momento” sob o risco de ser excluído ou ficar “atrasado”. Ainda de acordo com Cesarino (2022, p. 75),

Outro efeito da temporalidade de crise permanente é a experiência de imediatividade: o usuário passa a entender como verdadeiro aquilo que chega ao seu smartphone em tempo real [...]. Seu acesso ao mundo passa a depender da entrega ininterrupta e supostamente direta de eventos por suas redes: as “*breaking news*”, os vídeos de celulares e câmeras de segurança, os testemunhos de pessoas comuns, os relatos em primeira mão. Visto que cada usuário recebe dos algoritmos uma internet personalizada, é de se esperar que o “mundo real” em que cada um vive se torne também personalizado.

É importante reconhecer que existe uma tensão entre quantidade de tempo a ser disputado e a “qualidade” dessa atenção, como diz Martín Barbero (1997, p. 301):

Pode-se observar uma gama de usos que não tem a ver unicamente com a quantidade de tempo dedicado, mas com o tipo de tempo, com o significado social deste tempo e com o tipo de demanda que as diferentes classes sociais [...]. Enquanto uma classe normalmente só pede informação à televisão, porque vai buscar em outra parte o entretenimento e a cultura - no esporte, no teatro e no concerto, outras classes podem isso só à televisão.

As observações acima podem facilmente ser ajustadas à realidade das redes sociais. Se torna cada vez mais comum os usos até mesmo de várias redes para objetivos diferentes como o Tik Tok para se divertir e o Facebook para se informar, por exemplo. Mas como argumentado até aqui, é importante considerarmos a possibilidade dessas plataformas estarem padronizando cada vez mais a forma como consumimos diferentes conteúdos¹⁹. Consequentemente, a produção da História acaba por também ser engolfada nessas dinâmicas. De acordo com Malerba (2017) hoje

[o] [...] potencial leitor de história não é mais o especialista, nem sequer o indivíduo educado, como no século XIX e praticamente todo o século XX. Blogs e redes sociais, por exemplo, não aceitam “textão”. A informação e a análise devem se veicular em gotas. A capacidade e a disponibilidade de leitura hoje contam-se em dígitos (MALERBA, 2017, p. 143)

Ao reduzir a História ao simples consumo pragmático temos a obstaculização - até certo ponto - de outras experiências de temporalidades que são necessárias para a formação político-social. Além disso, um segundo aspecto se dá pela simplificação epistemológica e funcional da internet e como a disciplina é inserida nesses moldes. Em um mundo cada vez mais fundamentado na eu-pistemologia²⁰, a História acaba sendo reduzida a meras “interpretações” sem critério sobre o passado, no qual qualquer pessoa pode ter a sua, de modo que discursos anti-semitas, racistas e sexistas podem ter

¹⁹ Um reflexo disso, por exemplo, é como parlamentares viralizam nas redes não por suas posições ideológicas ou atuação política, mas pelos vídeos ou cortes já pensados como forma de entreter e gerar distúrbio ou revolta.

²⁰ De acordo com Cesarino (2021), o conceito se dá a partir da desconfiança generalizada, principalmente alimentada pela extrema-direita, de que espaços de informações, como a mídia tradicional e a ciência, não são fontes de confiança. Logo, as pessoas são incentivadas ou encorajadas a acreditar apenas em suas crenças e concepções de mundo como critério de verdade.

legitimidade (Meneses, 2019). Turin (2019) levanta a hipótese de que essa temporalidade neoliberal, que reduz o conhecimento ao pragmatismo funcional:

Se antes as razões que fundaram o ensino obrigatório deveriam estar espelhadas em seu conteúdo pela dimensão pública da cidadania, agora esse espelhamento se dá tanto na financeirização do ensino, transformando ele próprio em "serviço", como nas novas bases curriculares que engendra, centradas em "competências" que possibilitem ao sujeito tornar-se competitivo em uma sociedade concebida como composta essencialmente de individualidades concorrenciais. [...] Em uma sociedade estruturalmente acelerada, o único elemento "sustentável" possível é a capacidade contínua de adequação" (TURIN, 2019, p. 22 - 23).

Posto isso, podemos avançar com o seguinte questionamento: É possível uma História Pública verdadeiramente democrática, horizontal ou transformadora em um espaço pensado e construído a partir de moldes neoliberais? Se não, quais alternativas são possíveis? Aqui nos interessa, mais do que qualquer outro aspecto, apontar o tempo, e consequentemente a história, como fator necessário da disputa política e alternativa ao modelo das redes.

Como levantado até aqui, as redes sociais, apesar de serem um importante espaço de disputa, contam com limites estruturais e temporais que impossibilitam uma atuação política democrática e transformadora (Fisher, 2023). Essas barreiras devem ser pensadas principalmente ao relacionarmos o entendimento social do que significa a História e as delimitações temporais que, no cotidiano das redes, funcionam de maneira fragmentária e seriada. No caso do Tik Tok, o mesmo usuário pode ver um vídeo sobre Segunda Guerra Mundial, cortar para um vídeo tutorial, publicidade e novamente retornar para História do Brasil. Logo, o conteúdo sobre História sofre com a escassa concentração desses usuários, cujo tempo efêmero lhe impede de fazer reflexões sobre o que vê, incentivados a consumir a maior quantidade de vídeos.

Sendo assim, o atual desafio se apresenta em estabelecer novas práticas de consumo e uso desses meios, repensando também as formas teórico-metodológicas de se produzir história. Nesse sentido, as contribuições de Galindo Cáceres (1997) se mostram pertinentes e centrais, já que o foco não é necessariamente o fenômeno existente, mas as ressignificações de modo a pensar futuros possíveis, uma abordagem que proporciona grande diálogo com a História. Assim,

Ao introduzir outras versões possíveis, a configuração é modificada e a sua mobilidade aumenta. Uma única versão permite o significado de uma configuração, um grupo de versões amplifica o significado possível das configurações possíveis. A ligação entre eventos pode ser múltipla e não apenas única. A versão única é útil mas reduzida, a multiplicidade de versões enriquece o sentido, embora não o torne necessariamente útil. O fato de uma mesma coisa poder ser diferente amplifica o sentido do que se conhece, ou seja, a proposta de mundos possíveis (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 34-35, tradução nossa)²¹.

Na realidade das redes - mas não apenas delas, pontuando novamente a história escolar como principal espaço de socialização da disciplina - a história, por vezes é reduzida a certezas fixas sobre o passado, uma postura que restringe a imaginação social. Nesse sentido, a metodologia da história e a sua divulgação, enquanto aspecto da História Pública, devem encorajar a reflexão sobre o tempo e a trajetória e não sobre o simples evento/fato. Tensionar o presente não apenas com o passado, mas com maneiras de imaginar futuros, que não deixam de fazer parte da totalidade do tempo²². Em suma, o ensino, a divulgação e produção da História para as redes deve, assim como seu objeto de estudo, passar por outras mudanças, cujo olhar seja voltado às maneiras de imaginar e intervir no mundo e não apenas se limitar a práticas de consumo, como curtir um conteúdo. Isso apenas pode ser viável na disputa por novas temporalidades para além da efemeridade das redes.

É dentro desse escopo por outras temporalidades que o espaço escolar se torna fundamental. O historiador que vive na “era digital” deve atentar a relevância de enfrentar os espaços digitais, principalmente como forma de sufocar discursos e ideais extremistas e de implicações fascistas (Fisher, 2023), mas também voltar sua atenção para a centralidade das aulas de história, sua autonomia e potencial nas disputas de consciência de uma juventude que já não conhece o mundo sem telas. Logo, é necessário assimilar como esse consumo de vídeos acontecem, quais sentidos são construídos pelos

²¹ “al introducir otras posibles versiones la configuración se modifica y su movilidad aumenta. Una sola versión permite el sentido de una configuración, un grupo de versiones amplifica el sentido posible de las configuraciones posibles. La liga entre acontecimientos puede ser múltiple y no sólo única. La versión única es útil pero reducida, la multiplicidad de versiones enriquece el sentido, aunque no necesariamente lo vuelve útil. el que lo mismo pueda ser distinto amplifica el significado de lo conocido, esa es la propuesta de los mundos posibles.” (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 34-35).

²² Ainda de modo a contribuir com esse debate, Miceli (2020, 45-46) afirma: “Ora, se se considerar que é no ensino que o trabalho do historiador pode (ou deveria) se relacionar com o conjunto da sociedade, a tarefa que se apresenta é a retificação da História que alimenta a memória coletiva: ‘essencialmente mítica, deformada, anacrônica’”.

estudantes, mas também pelo grande público, e buscar formas de subverter possíveis incongruências e confusões. Sendo assim, o processo metodológico e teórico da história também deve ser socializado e não só seu resultado, pois como nos lembra Batista (2023), as tecnologias têm um papel importante para o ensino, como potencialidades consideráveis, mas não podem substituir os espaços pedagógicos.

5. Considerações Finais

A partir do que foi exposto, ignorar os impactos que as tecnologias da comunicação provocam na realidade social seria, no mínimo, ingenuidade. É recorrente, dentro da academia, o olhar que minimiza ou desvaloriza esses espaços digitais, como o Tik Tok. Mas é nesse lugar que uma grande parcela da sociedade está se temporalizando e se apropriando do conhecimento histórico, o que deve nos levar não apenas a criticá-lo, considerando suas limitações, mas compreendê-lo em seus funcionamentos e dinâmicas. Como nos organizamos culturalmente e a maneira na qual nos temporalizamos está cada vez mais submersa em concepções de mundo assaltadas pela ideologia neoliberal (Turin, 2019; Fisher, 2020; Cesarino, 2022). Martin Barbero (1997), observava, especialmente no cinema, como ideias populistas se converteram em sinônimo de nacionalismo. Poderíamos fazer uma analogia pensando como o factualismo metódico e episódico acabou se tornando a única forma de se pensar a história. Para além do que foi posto no corpo do presente trabalho, é necessário pensar esse elemento como uma provocação. Essa contradição tem-se aprofundado, ao nosso olhar, pela intensificação de um caráter “privado” da história, distanciando-se do seu papel público — ou seja, o hábito de apenas consumir o que *eu* quero e gosto sobre a disciplina.

Posto isso, com as novas possibilidades de se produzir história na internet, devemos recuperar os aspectos éticos da disciplina, do seu ensino e divulgação, lembrando sempre da centralidade de pensar outras formas de nos historicizar (Ávila, 2016). Apesar das redes sociais se tornarem um valioso espaço de enfrentamento na construção de narrativas sobre o passado, elas não devem significar a única bóia de salvação em meio às violências cotidianas impostas pela lógica das *big techs* (Fisher, 2023). A luta política não deve se reduzir às redes, mas exceder o digital. Antes de tudo, as plataformas funcionam a partir de um modelo que garante lucro para poucos, apesar de

se apresentar com a nova *Ágora* grega. O tempo da democracia e da luta política não é o mesmo com o qual lidamos no virtual, fundado na efemeridade e aceleração constante de nossas práticas de consumo. Esperar apenas do âmbito digital a prática política necessária para transformar a realidade só revela o quanto estamos engolfados em uma temporalidade que não nos permite o próprio ato da reflexão.

Logo, precisamos dar novos significados sociais ao tempo, como proposto por Martín Barbero (1997), resistindo e lutando contra a padronização “virtual” da História. Mas, principalmente, recuperar na História sua contrafactualidade²³ (Palácios Cruz, 2004), reforçando sua capacidade ética em pensar outros mundos e horizontes possíveis, cuja ação deve se materializar no entendimento de que a História é feita pelos seres humanos e está em constante transformação. Esse movimento deve se dar, como proposta de intervenção, por meio da incorporação e análise crítica do que é visto no Tik Tok, por exemplo, por parte dos historiadores e professores em sala de aula, uma vez que já não se pode retroceder a realidade das redes de nossos cotidianos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. L. DE. Historiografia, nação e os regimes de autonomia na vida letrada no Império do Brasil. **Varia Historia**, v. 31, n. 56, p. 365 – 400, maio 2015.

ÁVILA, Arthur Lima de. “Povoando o presente de fantasmas”: Feridas históricas, passados presentes e às políticas do tempo de uma disciplina. **Revista Expedições**, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 2, p. 189–209, 2016. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310252018243>.

BATISTA, Ana Laura Galvão. **A realidade virtual e o ensino de História: trazendo uma experiência**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 23, nº 3, 17 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/3/a-realidade-virtual-e-o-ensino-de-historia-um-relato-de-experiencia>

BELANDI , Caio. 161,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet no país, em 2022. **Agencia IBGE Notícias**, [S. l.], 09 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias>

²³ Esse conceito é metodologicamente entendido como um exercício de pensar “alternativas” para o passado, procurando estabelecer cadeias de causa e efeitos na compreensão de determinados eventos históricos. De acordo com Gaddis (2003, p. 119) os historiadores “[...] revisitam o passado, variando as condições, para verificar quais delas produziriam resultados diferentes”. Nesse sentido, a contrafactualidade como parte do fazer metodológico historiográfico - por meio do questionamento “o que teria acontecido se...?” - pode contribuir como um caminho à reflexão sobre o passado, demonstrando o papel da imaginação para se pensar a história.

[/38307-161-6-milhoes-de-pessoas-com-10-anos-ou-mais-de-idade-utilizaram-a-internet-no-pais-em-2022](#). Acesso em: 14 abr. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BENTES, Anna. A indústria da influência e a gestão algorítmica da atenção. In: FERREIRA, Marcos Ribeiro; BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da

Graça Marchina (org.). **Estamos sob ataque!**: tecnologia de comunicação na disputa das subjetividades. 1. ed. São Paulo: Instituto Silvia Lane, 2021. cap. 4, p. 42-59.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico em sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2021. cap. 1, p. 11-27.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; VIEIRA, Eloy. ECONOMIA POLÍTICA DA INTERNET E OS SITES DE REDES SOCIAIS. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristóvão, v. 16, n. 2, p. 71-84, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/2168>. Acesso em: 17 maio. 2024.

CANCLINI, Néstor Raúl García. **Ciudadanos reemplazados por algoritmos**. 1. ed. [S. l.]: Calas, 2019.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p. 35–53, 2016.

CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73–96, 2021. DOI: 10.5007/2175-8034.2021.e75630. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75630>. Acesso em: 18 maio. 2024.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem**: Introdução a uma filosofia da Cultura Humana. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DANTAS, Marcos; RAULINO, Gabriela. Trabalho da audiência e renda informacional no Facebook e YouTube. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da**

Informação da Comunicação e da Cultura, São Cristóvão, v. 22, n. 1, p. 123–141, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/12215>. Acesso em: 17 maio. 2024.

DUGNANI, P. Entretenimento e audiência: a informação como mercadoria para os influenciadores no Brasil. **Entropia**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 53–75, 2024. DOI: 10.52765/entropia.v8i15.517. Disponível em: <https://www.entropia.slg.br/index.php/entropia/article/view/517>.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é Mais Fácil Imaginar o fim do Mundo do que o fim do Capitalismo?**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FISHER, Max. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GALINDO CÁCERES, Luis Jesús. **Sabor a ti: metodología cualitativa en la investigación social**. Xalapa: Universidad Veracruziana. 1997.

GONÇALVES, Andressa da Silva; COELHO, Mauro Cezar; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. O bandeirante no livro didático: entre diversas narrativas (1997-2015). **Revista Ágora**, Vitória/ES, v. 33, n. 3, p. e-202233303, 2022. DOI: 10.47456/e-202233303. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/38510>.

GROHMANN, Rafael. Trabalho de plataforma e laboratório de luta de classes. In: GROHMANN, Rafael (org). **Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. Introdução, p. 13-23.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook: Os bastidores da história da empresa que conecta o mundo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MALERBA, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 7, n. 15, p. 27–50, 2014. DOI: 10.15848/hh.v0i15.692. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/692>.

MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 74, p. 135–154, jan. 2017.

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MENESES, S. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 8, n.

15, p. 66–88, 2019. DOI: 10.20949/rhhj.v8i15.522. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/522>. Acesso em: 17 maio. 2024.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História?. In: PINSKY, Jaime (org.). **O ensino de história: e a criação do fato**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2020. Cap 3, p. 37-52.

PALÁCIOS CRUZ, Victor Hugo. Liberdade e compreensão histórica. Os limites da história contrafactual. **Pensamiento y Cultura**, Bogotá, n. 7, p. 79–90, 2004. Disponível em: <https://pensamientoycultura.unisabana.edu.co/index.php/pyc/article/view/1129>.

PASSERO, Guilherme; ENGSTER, Nélia Elaine Wahlbrink; DAZZI, Rudmar Luís Scaranto. Uma revisão sobre o uso das TIC's na educação da Geração Z. **RENOTE: Novas Tecnologias da Educação**, Rio Grande do Sul, v. 14, n. 2, p. 1-8, 2016.

SCHMIDT, Florian A. Trabalho e Inteligência Artificial Além da Mechanical Turk. In: GROHMANN, Rafael (org.). **Os laboratórios do Trabalho Digital: Entrevistas**. São Paulo: Boitempo, 2021. cap. 21, p. 143-146.

SILVA, Cleverson Ramom Carvalho. **O Chão de Fábrica das redes sociodigitais: o Trabalho dos Produtores de Conteúdo na Dinâmica do Capitalismo Contemporâneo**. Orientador: Dr.a Deise Luiza da Silva Ferraz. 2023. 193 f. Tese (Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Minas Gerais, 2023.

STOKEL-WALKER, Chris. **TikTok Boom: um aplicativo viciante e a corrida chinesa pelo domínio das redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

TILIA, Caroline de. **Como o TikTok virou o novo Google para a Geração Z**. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2024/04/como-o-tiktok-virou-o-novo-google-para-a-geracao-z/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

TURIN, Rodrigo. **Tempos Precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal**. Rio de Janeiro: Zazie, 2019.